

A OBSCENA “LOUCURA” DA SENHORA D

Cinara Leite Guimarães (UFPB)

Questões que envolvem o comportamento feminino e suas relações com o sistema de gênero vêm sendo abordadas pela crítica feminista ao longo de sua existência. Entre os vários temas discutidos, destaca-se a questão do comportamento transgressor feminino, que por vezes é associado à loucura. Em um estudo acerca deste tema, a psicóloga americana Phyllis Chesler verificou que algumas mulheres foram consideradas loucas simplesmente por não cumprirem satisfatoriamente seus deveres domésticos ou matrimoniais. Ela também revela que, até o século XIX, os homens poderiam mandar suas esposas ou filhas para hospitais ou clínicas especializadas em doenças mentais com base em um simples depoimento seu, no qual alegasse qualquer desvio de comportamento destas, do que lhes era exigido como parte de sua feminilidade. Assim, muitas mulheres que sofriam de ansiedade, depressão ou não se ajustavam aos padrões comportamentais foram injustamente enclausuradas em manicômios.

Em seu livro *Woman and Madness*, Chesler procurou questionar o que, ao longo da história, parece ter sido uma prática comum: o fato de haver sempre uma ligação implícita entre desajuste, loucura e o feminino transgressor. Ao entrevistar várias mulheres que já haviam passado por clínicas psiquiátricas, a psicóloga revela ainda uma outra ligação: aquela existente entre a opressão sofrida pela mulher na sociedade e a loucura a ela atribuída. É certo que, na nossa sociedade ocidental, a organização social e do pensamento foi estabelecida por meio de oposições binárias. Especificamente dentro da relação homem/mulher, o sexo “frágil”, também conhecido no passado como o “segundo sexo”, esteve sempre associado à negatividade, passividade, sendo definido como o “outro”, a sombra do masculino, esse último definido como positivo e ativo.

Temos, portanto, que, no caso das mulheres analisadas por Phyllis Chesler, a loucura é uma construção do outro, daquele que as analisa e tem por base um comportamento desviante, que difere dos padrões estabelecidos. Estes padrões, por sua vez, são constituídos com base em um modelo de saúde mental masculino, dentro do qual, por definição, as mulheres serão vistas como mentalmente inaptas, não importa se aceitem ou rejeitem o modelo feminino, simplesmente por serem mulheres. Portanto, as regras são muito rígidas quando tratamos da saúde mental feminina, geralmente jogando o sujeito feminino em papéis nada desejáveis a fim de não sofrer punições ou críticas desmedidas. Deste modo, quando as mulheres assumem comportamentos mais independentes, geralmente definidos como masculinos, ou fazem uso de agressividade física ou linguística, fazendo uso de gestos e palavras obscenas, rapidamente são empurradas para a margem social, sendo desvalorizadas e consideradas insanas. Segundo Phyllis Chesler, o mesmo não ocorre com os homens, uma vez que

É geralmente permitido aos homens um leque maior de comportamentos aceitáveis do que às mulheres. Pode ser afirmado que a hospitalização ou rotulação psiquiátrica se relaciona com o que a sociedade considera como comportamento inaceitável. Portanto, como às mulheres é permitida uma menor variedade total de comportamentos e elas estão mais estritamente confinadas ao seu papel do que os homens, as mulheres, mais que os homens, terão comportamentos considerados como doentios ou inaceitáveis¹.

As idéias acima expostas encontram correspondência total na obra *A obscena Senhora D*, da autora brasileira Hilda Hilst. Nesta narrativa, as relações que se estabelecem entre os personagens Hillé e Ehud merecem certamente algum destaque. Como ambas as personagens aparecem representadas dentro de grupos sociais marcados pelo patriarcalismo, podemos afirmar que o sistema de gênero funciona como um regulador comportamental que tem por base a diferença sexual. Cada sexo teria, dessa forma, um padrão de comportamento, de atuação, de inserção, determinado coletivamente. Vale salientar que em *A obscena Senhora D* a questão do gênero extrapola a explicação de sistema de gênero como modo de organização social de sujeitos sexuados. Na verdade, o gênero, coadunado com a fragmentação do pensamento feminino, que aqui se afasta das regras do logocentrismo, acaba criando um novo lugar social para Hillé. Se em todas as sociedades marcadamente patriarcais a mulher é imediatamente percebida como o *Outro*, obviamente uma mulher que rompe com as definições de comportamento e lógica determinadas de acordo com seu sexo sofre ainda maiores discriminações e punições.

As primeiras linhas da narrativa já dão ao leitor algumas informações sobre Hillé. A personagem é uma mulher de sessenta anos que trava uma caminhada em direção ao desconhecido, “à procura da luz numa cegueira silenciosa, à procura do sentido das coisas”². Esta busca por conhecimento reflete um conflito de identidade vivido pela personagem, que, ao questionar tudo o que pensa estar errado no mundo, acaba não encontrando mais um lugar para si mesma neste, passando a analisar objetos, olhares, pessoas, em busca por respostas. Contudo, a incansável busca de Hillé por conhecimento a leva a lugar nenhum, pelo menos no plano concreto. O único deslocamento que ocorre se dá quando esta decide ocupar o vão da escada, mas essa mudança se caracteriza mais pelo seu mergulho na escuridão do que pela conquista de novos espaços. Há movimentações que ocorrem, todavia, dentro da mente da personagem, de forma interna. A clausura do corpo, ou seja, sua não-interação com o mundo externo, indica o não-lugar que a personagem acredita assumir na vida social. A crítica Nelly Novaes Coelho revela-nos, em seu livro *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*, que a Senhora D é “a prisioneira voluntária no vão-de-escada”³, lugar escolhido por ela como refúgio. Provavelmente devido aos movimentos internos, ao não-descanso mental, Hillé precisa isolar-se fisicamente dos demais membros do grupo social mais próximo, a fim de investigar alguma noção de identidade.

Seu outro nome, Senhora D, foi atribuído a ela por Ehud, o qual lhe explica seguidas vezes o que significa a palavra derrelição, sendo que Hillé não retém seu significado e volta a perguntar. Ehud lhe diz que derrelição significa abandono e que, por isso mesmo, ele lhe chamaria de Senhora D: “(...) porque perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu?”⁴. Essa tensão entre marido e mulher não se verifica apenas em relação aos nomes que a definem, mas também está presente na relação de poder estabelecida entre os mesmos. Já aqui se percebe claramente a clássica diferença entre espaços e atividades que seriam ocupados ou executados pelos sujeitos segundo seu sexo - a tarefa de nomear seria tarefa masculina.

No Gênesis bíblico, Adão, ao dar nome aos animais, exercia seu poder e superioridade sobre aqueles, estabelecendo uma relação de posse e uma clara hierarquia. Eva não teria tido esse poder, sendo também nomeada por Adão. Portanto, há séculos, vários mitos fundadores da cultura ocidental têm representado o masculino como

autorizado a controlar, nomear, denominar e dominar os outros seres a ele submetidos segundo a ordem patriarcal estabelecida.

Hillé vive, pois, o conflito de não se adaptar aos modelos de subjetividade feminina pré-estabelecidos, de ainda não ter encontrado uma forma de expressão que lhe seja própria. Ela empreende uma busca, cujo objetivo é compreender melhor a vida e a morte, a velhice, o divino, para, ao final, conhecer a si própria. É normal, portanto, que esta mulher, para quem não existe mais um espaço social determinado ou confortável, saia em busca de um modo de se definir ou de conviver com esse estado de identidade deslizando. Ao se apresentar, no início da narrativa, ela diz: “Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome, nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehad A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas”⁵.

Na verdade, Hillé aparece mais próxima do universo masculino do que as outras mulheres a sua volta. Suas crises e indagações a alçam para o mundo das idéias, historicamente vinculado ao masculino. Os questionamentos metafísicos da Senhora D soam estranhos a quem não está habituado a perguntas que ultrapassam o plano do concreto e do imediato. Nesta obra em particular, Hillé não se identifica de forma alguma com as “madamas” que acompanham seus maridos sem interesse de investigar suas próprias angústias. Nesse sentido, Hilda Hilst representa a protagonista como melhor compreendida pelos homens, autorizados a investigar questões metafísicas, do que pelas mulheres.

Outro dado que causa estranhamento nas pessoas com quem ela convive é o seu modo de olhar. Hillé busca por respostas nos olhos das outras pessoas. Ela não encontra nada neles e se aproxima cada vez mais para tentar entender. Sem obter respostas, a personagem se limita ao ambiente de sua casa, desacreditando de qualquer contato externo como produtivo. Ela mantém as janelas fechadas, cabendo a Ehad sair e voltar com comida e o que mais fosse necessário. Ele passa, então, a ser vítima da curiosidade dos vizinhos, os quais sempre perguntam pela Senhora D e comentam por trás das portas ao vê-lo passar.

Então escuta, aqui na vila me perguntam por você todos os dias, eles me vêem chegar com o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D é um pouco complicada, tenta, Hillé, algumas vezes lhes dizer alguma palavra, você está me ouvindo? Ando cheio dos sussurros, das portas entreabertas quando passo pela rua, ando cheio, está me ouvindo?⁶

Sem se preocupar com opiniões alheias, quando suas dúvidas se intensificam, a personagem decide se mudar para o vão da escada, o que ocorre mesmo antes de seu marido morrer. A Senhora D se afasta totalmente do convívio com outras pessoas e até mesmo sua relação com Ehad sofre com essa mudança. Ela, que nas crises anteriores ainda se deitava com o marido, não sabe mais se algum dia os dois voltarão a ter qualquer contato mais íntimo. Na sua necessidade por conhecimento, a Senhora D justifica que não pode dispor daquilo que não conhece: “não sei o que é corpo mãos boca sexo”⁷. Parece-nos que o corpo, seu limite concreto, é rejeitado pela Senhora D, já que o que busca só pode ser encontrado através da mente, do espírito, de tudo que não é terreno.

As pessoas da vila, vizinhos da Senhora D, são retratadas como uma grande massa sem instrução, cujas únicas preocupações são a sobrevivência imediata, os prazeres ligados ao corpo e a vida alheia. E por não compreenderem o comportamento e as crises existenciais de Hillé, suas conversas a respeito da personagem recaem sempre no âmbito da loucura, gerando comoção em uns e indiferença ou mesmo ira em outros. Ela é frequentemente associada à imagem da porca, animal que expressa a idéia de sujo, mas cujo significado, para Hillé, tem outra dimensão. A semelhança, para ela, está no fato do porco ser o animal que fuja, que procura o escondido, que busca o sentido, a origem das coisas e que, portanto, assemelha-se ao Menino-Porco, representação do Menino Jesus. A sua casa é, pois, chamada de “a casa da Porca” e os poucos que se aventuram a tentar ajudá-la, recebem de volta seus palavrões, sua agressão verbal. Em um desses momentos, um padre é chamado para lhe dar a confissão e comunhão; em outro, um homem que faz benzeduras se propõe a tirar-lhe os demônios do corpo. Em ambas as situações, a Senhora D os expulsa de sua casa aos gritos.

É devido a esse comportamento, cada vez mais fora dos padrões considerados aceitáveis pela sociedade, que Hillé é rotulada de louca. Ela tira a roupa e se expõe nua perante os vizinhos, assumindo um comportamento agressivo, fazendo uso de palavrões e gestos obscenos, ações que não se enquadram naquilo que seria esperado de uma mulher, principalmente na sociedade patriarcal. Esta sociedade estabeleceu desde sempre um comportamento bastante fixo, definido e pré-determinado a ser seguido por mulheres e homens. Desviar-se do comportamento de seu grupo sexualmente marcado, e, no caso das mulheres, questionar ou negar-se a cumprir as obrigações subentendidas como ligadas aos sujeitos femininos por excelência têm sido motivos pelos quais várias mulheres acabam tachadas como irracionais ou inadequadas.

Nossa protagonista, Hillé, não apresenta qualquer vontade de se adequar ao modelo de sanidade feminino, já que suas preocupações são de ordem superior. Seu comportamento é visto pelo grupo social externo como transgressor, masculinizado ou exagerado, o que reforça sua classificação como louca. Muito embora seu marido não a considere insana, Ehud admite que a busca de Hillé por respostas poderia, essa sim, levá-la à loucura: “loucura é o nome da tua busca. esfacelamento. cisão”⁸. Esta teria sido também a opinião do pai de Hillé que, no leito de morte, pede a Ehud que afaste sua filha das mesmas perguntas que ele se fizera ao longo da vida. O comportamento da filha se assemelha muito ao do pai; por isso talvez ele alerte ao genro que Hillé não suportaria viver como ele havia vivido, questionando eternamente o infinito. O diálogo entre os dois homens deixa claro que a personagem deverá passar dos cuidados do pai aos do marido, que funcionariam como ganchos que a manteriam ligada à vida pública, social, externa.

Ehud, em seus traços masculinos, frequentemente representado como detentor da razão, sempre foi a voz que tentou fazer com que Hillé abandonasse seus questionamentos e voltasse a seu papel de mulher comum. Ele tenta fazer com que a Senhora D recorde os momentos vividos pelos dois e o relacionamento íntimo que havia entre eles. Verificamos, ao longo da narrativa, uma nítida relação de identificação do feminino com a loucura e do masculino com a razão. Como afirma Shoshana Felman em “Women and Madness: The critical phallacy”, o homem é tido não apenas como o detentor da razão, mas aquele que pode trazer a sanidade aos outros.

Todavia, é notável que a dicotomia Razão/Loucura, bem como Discurso/Silêncio coincide exatamente (...) com a dicotomia Homem/Mulher. As mulheres são, desse modo, associadas à loucura e ao

silêncio, enquanto os homens são identificados com prerrogativas do discurso e da razão. De fato, os homens aparecem não apenas como os detentores, mas também como os distribuidores da razão, que eles podem, segundo sua vontade, repartir com os outros ou retirar deles⁹.

Assim, quando Ehud insiste repetidas vezes para que Hillé faça um café (o que ela nunca faz), aproveitando para sugerir que ela se cuide mais, que seja mais feminina, ele está falando pelo senso comum, tentando arrancar a esposa da estranha esfera em que esta se isolou, nem que seja pelo cumprimento de tarefas corriqueiras, tão identificadas ao longo da história cultural com o feminino.

Ehud também vê o desinteresse sexual de sua esposa como um dos motivos para sua estranheza, como se, ao se esquecer do corpo, estivesse se perdendo em sua própria mente. Logo, Ehud tenta fazer com que Hillé perceba suas obrigações ou reconheça suas necessidades, tendo por foco de seu discurso a relação sexual. Percebe-se, então, no que se refere aos desejos, uma ligação de Ehud com o plano físico, e de Hillé com o espiritual, o que se torna claro por meio da fala dele aos questionar a Senhora D: “olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? Te amo, ouviu? Antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?”¹⁰

Temos, portanto, que, para se afastar da loucura, Hillé deve deixar de interrogar o sentido das coisas; ela deve passar a cumprir suas funções femininas, há tanto definidas pela sociedade, atendendo aos pedidos do marido pelo café, pelo sexo, abrindo seu corpo a ele independentemente do caos em que se encontra mergulhada. Além de tudo isso, ela deveria arrumar-se mais, tornar-se mais atraente. Os questionamentos existências, como seu pai já anunciara, não poderiam ser suportados por uma mulher, e o marido deveria interromper essa busca indevida por respostas superiores.

Ehud tenta, diversas vezes, convencê-la de que sua busca é inútil, é vã: “Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? Você está me ouvindo Hillé? Olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? Nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta?”¹¹ Ele claramente interrompe o fluxo inquisidor de sua esposa, garantindo a ela que sua busca não terá sucesso.

Em relação às pessoas definidas como loucas ou que estejam, temporariamente ou não, se comportando fora dos padrões “aceitáveis”, essas tendem a ser afastadas do convívio social para que não possam causar nenhum dano à sociedade com seu comportamento exagerado. Muitas vezes elas são recolhidas a instituições para serem tratadas e, então, quem sabe, reintegradas à sociedade. Para tal, elas devem provar que podem se ajustar novamente aos padrões sociais, os mesmos que afetaram sua sanidade no primeiro momento. No caso específico das mulheres, essas devem se adequar aos padrões de feminilidade que geralmente envolvem características tais como passividade, dependência e subordinação.

Vivendo cercada por figuras defensoras e representantes do patriarcado – o pai, o marido, o Deus cristão – Hillé cria uma relação de confusão entre seu pensamento, marcado por extrema criatividade e liberdade, e as expectativas que são depositadas sobre ela no que se refere à sua adequação. No entanto, ela não consegue deixar de ler o mundo por outras lentes. No caso específico de Ehud, Hillé diz ter sido para ele “apenas uma letra D, primeira letra de Derrelição, doce curva comprimindo uma haste, verticalidade sempre reprimida, cancela, trinco, tosco cadeado”¹². A verticalidade,

associada ao masculino e, portanto, ao poder do discurso (*speech*, segundo Shoshana Felman), foi sempre reprimida na personagem. Hillé falava sozinha, para ninguém, e nos diálogos com Ehud, este tentava fazer com que ela desistisse de expor suas perguntas. Ela sofre, portanto, um corte vertical do social sobre sua forma de estar no mundo. Consciente de que se calar é compactuar com tudo o que considera errado, o que seria sua morte como sujeito questionador, a necessidade de expressão da personagem é exatamente uma tentativa de evitar a loucura, a perda de sentido completa ou o apagamento da sua diferença.

Consequentemente, é através do trabalho com as palavras que ela segue em sua busca por conhecimento: “porisso falo falo, para te exorcizar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os duros do abismo, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia”¹³ Hillé já não se preocupa tanto com o fato de estar sendo entendida ou não – ela precisa pensar, falar, criar – e cria palavras, gramáticas, incompreensíveis para os outros, a fim de não se calar, de não se adaptar nem se conformar e, finalmente, tentar sobreviver ou morrer.

Na linguagem utilizada, há uma mescla entre um registro mais letrado e elitizado, com referência a autores e filósofos renomados, e outro mais coloquial, em que os palavrões se fazem presentes, principalmente nos xingamentos que Hillé dirige aos vizinhos e na fala destes. Segundo análise de Cassirer, a linguagem é considerada algo sagrado, um momento de iluminação, uma vez que é por meio dela que o mundo foi criado e também por meio dela que se rompeu a unidade do mundo, através da confusão das línguas. Em *A obscena Senhora D*, há uma busca pelo poder primitivo da palavra, antes do abismo entre a coisa nomeada e o nome, o sentido primordial que o homem perdeu e deseja recuperar – o verbo criador. Segundo o mesmo crítico, “Hilda Hilst procura resgatar o sentido sagrado da palavra, sentido este que antecedeu o estético”¹⁴. Como a palavra se relaciona com a organização do cosmo, perder a palavra significa para o ser humano perder-se em meio ao caos. Tendo poder sobre a palavra, Hillé sobrevive em meio ao porco-mundo, independentemente do sentido que os outros façam do que diz.

Ainda no que se refere à fala, encontramos na narrativa uma multiplicidade de linguagens, as quais se relacionam por meio de um jogo. Quando rememora o passado, Hillé utiliza uma linguagem erótica. Ao se relacionar com as pessoas da vila ou do mundo exterior, sua linguagem é obscena, agressiva, e ao falar do presente na sua própria voz, ela se vale de uma linguagem erudita. A agressividade destinada ao homem universal é justificada pelo epíteto que a Senhora D lhe confere: “Grande Carrasco do Nojo”.

Conseguir viver no mundo por povoado pelo homem já não é mais uma certeza e a personagem concentra sua energia na busca por transcendência. Como ela mesma reflete: “Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século?”¹⁵ Essa consciência da enfermidade geral em que vive a sociedade e suas conseqüentes implicações é denominada, nos estudos de R. D. Laing, de “sanidade superior”.

Laing explica que, para atingir este estágio mais elevado, tanto homens quanto mulheres podem vir a passar por um período de ‘loucura’, considerada por ele como um estágio na evolução de uma pessoa verdadeiramente sã e consciente. Segundo a teoria

de R. D. Laing, que chega a nós através do estudo de Barbara Hill Rigney¹⁶, a psicose pode ser considerada uma resposta compreensível ou até mesmo sã à vida em uma sociedade considerada destrutiva. Portanto, a desorganização, nesse sentido, pode não estar *em* Hillé, e sim, ser um reflexo nela do que se fragmentou no mundo.

Como já vimos anteriormente, em nenhum momento Hillé se considera louca ou se questiona quanto a sua sanidade. Pelo contrário, ela demonstra esta “sanidade superior” mencionada por Laing, tendo aparentemente consciência no que diz respeito ao manuseio da linguagem. O fim de sua busca por conhecimento culmina com sua morte ao final da narrativa, quando, por meio da voz do Menino-Porco, temos certeza de que seu objetivo foi atingido.

Hillé era turva, não?
Um susto que adquiriu compreensão.
Que cê disse, menino?
O que você ouviu: um susto que adquiriu compreensão, isso era Hillé¹⁷.

Compreendemos, portanto, que a “loucura” de Hillé não passa de uma interpretação externa de seu comportamento transgressor. Sua confusão é a mesma da mulher que tenta viver amplamente sua identidade, mas se encontra restringida por regras exteriores a ela, construídas pela sociedade e aceitas pela maioria das pessoas. Para que isso ocorra é normalmente necessária uma limitação do prazer, da imaginação, e uma adequação à realidade que nos cerca. É assim que a força criativa de Hillé será direcionada na busca pelo sagrado, por aquilo que se encontra além do porco-mundo.

No que concerne à estrutura da obra, embora tenha negado qualquer relação com o feminismo ao longo de sua vida, em *A obscena Senhora D*, Hilda Hilst toma uma mulher como personagem principal. Seu universo psicológico sendo representado por meio do fluxo de consciência, de forma bastante intensa, indicando, ainda que involuntariamente, um interesse em examinar a construção desse sujeito feminino através de suas digressões, quem sabe até uma busca pessoal que interessa à própria autora.

Em *O fluxo da consciência*, o crítico Robert Humphrey faz uma análise das várias técnicas utilizadas nas obras que fazem uso do fluxo da consciência. Como aponta Humphrey, este é utilizado na ficção “para representar o conteúdo e os processos psíquicos do personagem (...) exatamente da maneira como esses processos existem em diversos níveis do controle consciente antes de serem formulados para a fala deliberada”¹⁸. Essa é também a opinião do Professor Alfredo Leme, que examinou as várias nomenclaturas relacionadas à caracterização do narrador, dando destaque para as obras que apresentam o fluxo da consciência. Desse modo, ele ressalta que tal método procura “apresentar, através de uma linguagem truncada ou desordenada, o pensamento ainda não claramente formulado do ponto de vista lógico ou lingüístico”¹⁹ – ou a realidade da fluidez psíquica –, gerando uma quebra nos moldes da linguagem tradicional, linear. A consequência da utilização das técnicas acima citadas, especificamente nesta obra de Hilda Hilst, é o esfacelamento da figura do narrador e, conseqüentemente, de qualquer interferência deste no desenrolar do enredo ou da nossa leitura do mesmo. O que lemos nos parece, portanto, representado como sendo completamente sincero, como se não houvesse leitor. De fato, Hilst nos apresenta uma Hillé despida, exposta, sem as proteções racionais que deveriam guiá-la em seus rápidos

contatos com o mundo exterior, aparentemente não temendo o olhar de quem quer que seja.

¹ CHESLER, Phyllis. **Women and Madness**. NY: Palgrave Macmillan, 2005, p.99. “Men are generally allowed a greater range of acceptable behaviors than are women. It can be argued that psychiatric hospitalization or labeling relates to what society considers unacceptable behavior. Thus, since women are allowed fewer total behaviors and are more strictly confined to their role-sphere than men are, women, more than men, will commit more behavior that are seen as ill or unacceptable” (tradução nossa).

² HILST, Hilda. **A Obscena Senhora D**. São Paulo: Globo, 2001, p.17.

³ COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993, p.220.

⁴ HILST, Hilda, *op. cit.*, p.17.

⁵ *idem*.

⁶ *ibid.*, p. 22.

⁷ *ibid.*, p.23.

⁸ *ibid.*, p.56.

⁹ FELMAN, Shoshana. Women and Madness: The critical phallacy. *Diacritics*, 1975, p.7. “It is nonetheless striking that the dichotomy Reason/Madness, as well as Speech/Silence, exactly coincides (...) with the dichotomy Men/Women. Women as such are associated both with madness and with silence, whereas men are identified with prerogatives of discourse and of reason. In fact, men appear not only as the possessors, but also as the dispensers of reason, which they can at will mete out to – or take away from – others” (tradução nossa).

¹⁰ HILST, Hilda, *op. cit.*, p.22.

¹¹ *ibid.*, p.18,19.

¹² *ibid.*, p.30.

¹³ *ibid.*, p.55.

¹⁴ CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 2 ed. São Paulo, Perspectiva, 1985.

¹⁵ HILST, Hilda, *op. cit.*, p.33,34.

¹⁶ RIGNEY, Barbara Hill. **Madness and sexual politics in the feminist novel**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1978.

¹⁷ HILST, Hilda, *op. cit.*, p.22. p. 89.

¹⁸ HUMPHREY, Robert. **O Fluxo da Consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros; trad. de Gert Meyer. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976, p.22.

¹⁹ LEME, Alfredo. **Foco narrativo e fluxo da consciência**. Questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981, p. 61.